



Processos Formativos em Agroecologia e Educação Não Formal: uma Interação Possível?

Formative Processes in Agroecology and Non-formal Education: A Possible Interaction?

LOPO, Diana Vital¹; GARCIA, Edelir Salomão¹

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, diana-lopo@hotmail.com; edelir.garcia@ufms.br

Resumo: A presente pesquisa teve por objetivo analisar os processos formativos em agroecológica oferecida aos Agricultores do Assentamento 72 e a constituição do Grupo de Agricultores Agroecológico Bem-Estar a partir dos princípios da educação não formal. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e de campo que utilizou a entrevista recorrente como instrumento de coleta de dados. De acordo com o estudo foi possível verificar que o grupo demonstrou suas necessidades e expectativas. Eles foram atendidos e se sentem satisfeitos com o processo e com os resultados que o grupo vem proporcionando em suas vidas. Eles demonstraram ter o gosto pelo cultivo dos alimentos, além de estar adquirindo novos conhecimentos e técnicas constantemente, fortalecem as amizades, e as vendas organizadas em grupo contribuem para o aumento da renda familiar, se sentem empoderados e pertencentes à sociedade e, principalmente, destacam a melhoria na qualidade de vida. A partir dos depoimentos depreendeu-se que esse processo de educação não formal foi de suma importância para as pessoas que fazem parte do Grupo Bem-Estar, bem como o processo formativo atendeu as finalidades e aos objetivos propostos por esse tipo de educação, pois acolheu os interesses do grupo e promoveu: a construção de identidade coletiva; a capacitação para a produção agroecológica; inclusão social; e melhoria econômica e nas condições de vida das famílias envolvidas no processo.

Palavras-chave: Agricultura Familiar, Assentamento, Produtos Orgânicos, Cidadania. Empoderamento.

Abstract: The present research aimed to analyze the agroecological formative processes offered to Farmers of 72 Settlement and the establishment of the Agroecological Bem Estar Farmers Group (Agroecological Well-Being Farmers Group) based on the principles of non-formal education. It was a qualitative and field research that used the recurrent interview as a data collection instrument. According to the study it was possible to verify that the group demonstrated their needs and expectations. They have been met and feel satisfied with the process and results that the group has been providing in their lives. They have shown a taste for food cultivation, as well as constantly gaining new knowledge and skills, strengthen friendships, and the organized sales contribute to increase family income, they have been feeling empowered and belonging to society and, above all, the improvement in quality of life. Based on the statements, it was understood that this process of non-formal education was extremely importance for the people who are part of the Bem Estar Group, as well as the training process served the purposes and objectives proposed by this type of education, since it welcomed the interests of the group and promoted: the construction of collective



identity; capacity building for agroecological production; social inclusion; and economic growth and improvement in the living conditions of the families involved in the process.

Keywords: Family Farming, Settlement, Organic Products, Citizenship, Empowerment.

Introdução

Através da convivência com meus familiares, inseridos no meio de produção da agricultura familiar de zona rural, em que cultivavam diversas hortaliças para consumo de toda a família, pude resgatar em mente o quão importante é o cultivo e produção de alimentos orgânicos.

A agricultura orgânica promove alimentação saudável e contribui para renda familiar dos produtores que vendem a produção em feiras livres, nas portas das casas ou no comércio de mercados locais, entre outros.

Esta pesquisa teve sua origem na disciplina Pedagogia e Educação Social que aborda a educação para além dos muros escolares e que versa também sobre a educação não-formal. Nesse momento passei a observar as famílias do Assentamento 72 do município de Ladário-MS que frequentam a feira de produtos em transição agroecológica no Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPAN/UFMS).

Essas famílias, por sua vez, fazem parte de projetos de ensino, pesquisa e extensão, desde 2010, com orientação técnica de profissionais do CPAN/UFMS, da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA) e da Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER) com o objetivo de conquistar a bandeira de produtos agroecológicos.

Nesse contexto, conhecer o percurso da formação do Grupo de Agricultores Agroecológicos Bem-Estar do Assentamento 72 em Ladário, MS, ou denominado simplesmente, Grupo Bem-Estar e os processos formativos que vivenciaram passou a fazer parte das minhas reflexões. Se de um lado tive pessoas de minha família buscando por si elementos de uma agricultura sem veneno, de outro, encontro famílias sendo assessoradas por instituições que por instituições, que são consideradas referências. Então passei a questionar qual o papel dessa formação na vida de agricultores familiares? Como ela impacta o modo de viver? Assim conhecer o a importância do processo formativo das famílias do Grupo Bem-Estar tornou-se o desafio e a motivação para desenvolver essa pesquisa.

Para compreender os processos formativos que acontecem para além dos conhecimentos escolares buscamos os estudos que apresentam a educação em sua amplitude e para além dos muros escolares. De acordo com Libâneo (2006, p. 63):



O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. Ou seja, ela não se refere apenas as práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas educativas.

Gohn (2006) enfatiza que existem diferentes formas de educação e, entre elas, a educação não-formal que situa-se no campo da educação social, devido ao fato de estar diretamente relacionada com a troca coletiva e intencional de saberes. Ocorre pelo agrupamento estrutural e participação da sociedade civil.

A educação não-formal organiza-se coletivamente; é um processo de troca de experiências e aprendizagens, voltadas para a formação cidadã coletiva, em que o foco está nos problemas e necessidades comunitárias. No processo de educação não-formal o educador é quem media o conhecimento e promove aprendizagem durante a relação de interação com o outro. Relação esta que se dá em um ambiente informal, localizado no contexto dos integrantes, conforme destaca Gohn (2006, p. 4).

Ainda segundo a autora (GOHN, 2006) a educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa, ou seja, a organização da educação não-formal se dá pelos interesses comuns coletivos, formando a identidade de determinado grupo, fazendo com que este discuta, troque experiências culturais, políticas, e construam sua cidadania. Dentre os resultados esperados na educação não-formal está: a mudança na concepção de mundo; a construção de identidade coletiva; a capacitação para o mercado de trabalho, dentre outras.

Neste contexto, Nascimento e Reis (2013) destacam que a educação não-formal é um processo de socialização presente em diversos espaços de produção, pelo o qual o ser humano constrói seus conhecimentos para o seu desenvolvimento no exercício da cidadania. A metodologia é construída no processo educativo da educação não-formal, de acordo com Gohn (2006), ela se desenvolve com a problematização do grupo tendo como base suas necessidades, valores e ideias. O processo sofre mudanças constantes, de acordo com os novos olhares e focos, portanto a metodologia neste caso é flexível, mas com a garantia de formação plena dos indivíduos. Apesar da metodologia ser feita e refeita no processo, a autora destaca, ainda, a necessidade de ter uma intencionalidade, ou seja, ter claro quais objetivos que devem ser alcançados.



De acordo com Gaiger (2004) é necessário que através dos processos formativos propostos ocorra uma modificação no meio de organização e de relação das pessoas que praticam a agricultura familiar, ou seja, todo o processo precisa permear a gestão coletiva, bem como estabelecer uma nova práxis metodológica baseada em um percurso mais dialógico, quebrando o paradigma de que só “[...] o profissional universitário possui conhecimentos, técnicas, teorias, enquanto que o trabalhador é desprovido de qualquer conhecimento e de capacidade de raciocínio lógico” (ADDOR, 2015, p. 8). Nesse contexto, afirma o autor (ADDOR, 2015, p. 10):

Não a conhecimento maior ou menor, mais rico ou mais pobre, mais ou menos importante, Todos os conhecimentos que se apresentam são respeitados e valorizados, e todas as pessoas têm o que aprender e o que ensinar, sem estar acima ou abaixo umas das outras.

Diante do exposto, algumas questões passaram a nortear o presente estudo: Como ocorreram os processos formativos? E quais significados da formação para os processos de: produção, venda e qualidade de vida? Qual a visão das famílias sobre a constituição do grupo?

O objetivo da presente pesquisa foi analisar os processos formativos em agroecológica oferecida aos Agricultores do Assentamento 72 e a constituição do Grupo de Agricultores Agroecológico Bem-Estar a partir dos princípios da educação não formal.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido em 2017/2018, com as famílias do Grupo Bem-Estar que participam do Projeto de Extensão Feira de produtos em transição agroecológica da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do Pantanal e da Fronteira, no Câmpus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Esta pesquisa de campo utilizou como instrumento de coleta de dados a entrevista do tipo recorrente, sendo que os núcleos temáticos e as questões iniciais foram delimitadas antecipadamente e fizeram parte do roteiro semiestruturado da entrevista.

A entrevista recorrente é um procedimento sistemático de coleta de dados composto por pelo menos dois encontros entre o pesquisador e o sujeito entrevistado. Esse tipo de entrevista pode variar quanto ao modo de apresentação e reapresentação dos dados coletados ao sujeito, assim como na forma de coleta dos dados, que pode ser feita em grupo ou individualmente. Contudo, o ponto comum nesse procedimento é a repetição do encontro entre pesquisador e sujeitos pesquisados em torno de uma problemática até que ambos considerem o tema suficientemente esclarecido (MIRANDA, 2011, p. 92)



As entrevistas ocorreram em espaço reservado no CPAN/UFMS e foram feitas individualmente a uma pessoa de cada família. Esta pesquisa contou com quatro participantes que após explicação dos objetivos desse estudo aceitaram participar.

Para tanto, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e organizadas em um quadro para que as respostas fossem interpretadas individualmente e no grupo. As respostas foram atualizadas a cada encontro até que todos os esclarecimentos se tornaram suficientes para a análise.

Resultados e discussões

Conforme as entrevistas realizadas com os agricultores integrantes do Grupo Bem-Estar, todos chegaram até as terras do Assentamento 72 por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), através do Movimento Sem Terra (MST). No entanto, os entrevistados relataram que obtiveram a informação sobre a ocupação através do rádio ou por meio de conversas com parentes.

A ocupação foi organizada, de acordo com o entrevistado D, pelo sindicato rural que é um braço da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do estado de Mato Grosso do Sul (FETAGRI-MS). As famílias ficaram acampadas por volta de um ano a um ano e meio, quando ocorreu a distribuição dos lotes pelo INCRA.

Eles relatam que nem todas as pessoas acampadas foram acompanhadas de sua família para o assentamento. Entre os quatro entrevistados um era solteiro e três foram acompanhados de seus familiares, sendo duas famílias composta do casal e seus filhos e uma composta pela entrevistada, seus pais e irmãos.

Os participantes enfatizaram que eles foram para o campo, no entanto, pouco ou nada sabiam sobre o cultivo agrícola, foram aprendendo na prática, mas destacaram que o aprimoramento só ocorreu com a assessoria das instituições para as famílias do assentamento, bem como na constituição do Grupo Bem-Estar.

Destacaram, ainda, que a produção dos alimentos antes de participarem da formação técnica estava mais direcionada ao consumo próprio, o excedente nem sempre era vendido, pois alguns deles não tinham como levar seus produtos para cidade. Somente um dos participantes afirmou que vendia os produtos nas portas das casas.

Dentre os alimentos cultivados pelos agricultores em suas terras no Assentamento 72 antes de terem contato com a formação técnica, eram: o milho; a mandioca; o feijão; a abóbora; a alface; a melancia; o pimentão; o tomate; o mamão; o maxixe; melão, frutas regionais da época, além da produção de leite e seus derivados.



Segundo eles, os alimentos produzidos só eram cultivados em períodos de chuva, devido à falta d'água, pois não havia poços, cisternas e tampouco caixa d'água comunitária.

Diante das dificuldades e do desânimo dos moradores do Assentamento 72, o presidente da Associação dos Moradores entrou em contato com um professor do CPAN/UFMS na busca de assessoria técnica. O entrevistado D enfatizou que os moradores não acreditavam na possibilidade da ocorrência de curso, bem como havia uma disputa entre a formação que seria dada, ou seja, alguns queriam o projeto da horta, outros não.

Para tanto, o presidente da associação e o professor da universidade passaram de lote em lote para levantar as expectativas dos moradores e verificar se os mesmos participariam de uma formação se ela acontecesse.

Desse levantamento foi verificado que os assentados esperavam ser capacitados para poder permanecer na terra. A maioria disse que tinham interesse em continuar a cultivar os produtos agrícolas de forma eficaz e durante o ano inteiro. Dessa forma, a proposta foi montar o curso de formação dentro da área de interesse do grupo, com base na perspectiva da agroecologia. De acordo com Campolin e Feiden (2011, p. 7),

A perspectiva agroecológica, ao exigir a sustentabilidade dos sistemas agrícolas, aponta para um novo padrão de produção agropecuária que permita manter o equilíbrio do ambiente, assegurando também a qualidade de vida das populações rurais. Para atingir este objetivo, é fundamental a definição de metodologias que permitam integrar os aspectos ambientais aos socioeconômicos e culturais dos sistemas a serem trabalhados.

Os autores (CAMPOLIN; FEIDEN, 2011) acrescentam ainda que para a consecução dos princípios agroecológicos é necessário desenvolver metodologias alternativas que viabilize a participação efetiva dos agricultores e, ao mesmo tempo, permitam a integração desses com os agentes externos. No entanto, essas metodologias precisam fazer com que o conhecimento seja construído coletivamente acerca da realidade (social, econômica, cultural e ambiental), bem como de fazer com que a organização das comunidades na gestão e controle do processo de desenvolvimento local seja fortalecida, melhorando também as ações das instituições que atuam no meio rural.

No entanto, os participantes disseram que receberam algumas informações sobre os princípios da agroecologia e, em seguida, foi verificado o interesse deles para que a formação ocorresse na perspectiva da agroecologia. A maioria se manifestou favorável à proposta, o que possibilitou a continuidade do processo formativo dentro dos objetivos esperados.



Em relação ao processo formativo, os agricultores enfatizaram que os cursos ocorriam em dois locais, sendo que a parte teórica ocorria na sede da associação do assentamento 72 e a parte prática ocorrida em duas “hortas modelos”, local em que foram desenvolvidos os experimentos com base nos princípios agroecológicos.

A oportunidade de participar do curso de formação técnica, bem como o de formar o grupo foi oferecida a todos os agricultores moradores do assentamento, contudo foi possível observar que em média 40 pessoas participaram das formações iniciais, mas houve uma redução do número de participantes ao longo do tempo, sendo em média 25 agricultores compareciam nos últimos cursos. Dessa forma, mais ou menos 15 famílias optaram por fazer parte do Grupo Bem-Estar.

Essa diminuição de agricultores, de acordo com os entrevistados, pode estar relacionada a diversos fatores, entre eles, pode ser desde a falta de água, a não adaptação no local ou não ter interesse em cultivar hortaliças e, principalmente, na incredulidade das intervenções, pois, participar ativamente do grupo requer esforço e dedicação, além de motivações coletivas e individuais.

É importante destacar, ainda, que todos os membros do Grupo Bem Estar participaram do desenvolvimento do projeto desde a sua implantação, ou seja, eles vivenciaram cursos que abordavam atividades teóricas e práticas de: plantio, cultivo e manejo básico de horta; negócio rural; organização de grupos para apropriação de conhecimento agroecológico; usos potenciais do composto orgânico; adubação verde e orgânica; sustentabilidade ambiental e social; meio ambiente e saúde; produção e utilização de caldas alternativas para controle de pragas; entre outros. Esse processo tem em média três a quatro anos.

Vale destacar que os cursos foram ministrados por equipe multidisciplinar e ocorreu em razão do diagnóstico rápido participativo realizado anteriormente. Além dessas formações os agricultores passaram a receber assessoria técnica das equipes.

Dentre os agricultores que fizeram os cursos e entraram no grupo, poucos, mais ou menos sete famílias, ainda continuam ativamente adquirindo técnicas orgânicas e frequentando as reuniões, encontros, cursos, trocas de experiências e feiras em grupo.

De acordo com os entrevistados as famílias que permanecem no Grupo em Estar mostram-se satisfeitas e contentes com o processo e o resultado que elas vêm obtendo em suas vidas, pois demonstram ter o gosto pelo cultivo dos alimentos, além de estarem adquirindo novos conhecimentos e técnicas constantemente, fortalecem as amizades e as vendas organizadas em grupo contribuem para o aumento da renda familiar, se sentem empoderados e pertencentes à sociedade e, principalmente, destacam a melhoria na qualidade de vida.



Este resultado parece caracterizar o que Souza (2006, p. 118 apud Verdério, 2009, p.18) argumenta sobre a educação esclarecendo que:

A educação como um dos momentos da formação humana pode incentivar o debate sobre a categoria trabalho e suas diferentes formas nos assentamentos. A educação não-formal, que ocorre no cotidiano da organização política, emerge das conversas nos círculos de debates, das aulas sobre análise de conjuntura, das discussões sobre as possibilidades e limites das formas associativas e cooperativas e da formação técnica oferecida aos assentados. A educação não-formal não possui um conteúdo curricular pré-definido; ela é construída no cotidiano da luta, tendo a conscientização política como um de seus objetivos.

Pode ser observado durante a entrevista, que o grupo contribui para o sucesso de todos, pois a ação coletiva permitiu a expansão das técnicas, através da troca de experiências e conquista de novos espaços para venda, bem como indicaram que com a aprendizagem das diferentes técnicas passaram a modificar a forma deles pensar e agir.

Este contexto parece caracterizar o que Souza (2002, p. 92) denomina de “[...] dimensão educativa que não se resume à mera reprodução de conhecimentos e de procedimentos, mas a uma visão de mundo que se constrói na inter-relação dos espaços educativos”.

Dessa forma, os membros do Grupo Bem-Estar, de acordo com os participantes desse estudo, têm o objetivo de expandir e melhorar a produção e a venda de alimentos orgânicos, além de ser reconhecido pela Associação dos Produtores de Orgânicos do Mato Grosso do Sul (APOMS). Para essas questões eles contam com auxílio das instituições para formação.

Conclusões

A educação não formal organiza-se coletivamente e é um processo de troca de experiências e aprendizagens voltada para a formação cidadã e coletiva. O foco está nos problemas e nas necessidades comunitárias.

Os produtores do grupo enfatizaram que o curso de formação técnica na perspectiva agroecológica foi primordial para aprender trabalhar de forma individual com a perspectiva coletiva, o que levou a constituição do Grupo Bem-Estar.

A criação do grupo fez com que os mesmos utilizassem as técnicas aprendidas e iniciassem suas produções no processo agroecológico. Este processo possibilitou, ainda, a abertura de novos espaços para venda dos produtos em transição agroecológica, sentimento de pertencimento social e, principalmente, a melhoria da qualidade de vida.



A partir dos depoimentos depreendeu-se que esse processo de educação não formal foi de suma importância para as pessoas que fazem parte do Grupo Bem-Estar, bem como o processo formativo atendeu as finalidades e aos objetivos propostos por esse tipo de educação, pois acolheu os interesses do grupo e promoveu: a construção de identidade coletiva; a capacitação para a produção agroecológica; inclusão social; e melhoria econômica e nas condições de vida das famílias envolvidas no processo.

Foi evidenciado ainda que o grupo tem como meta, em médio prazo, em se transformar em uma Organização de Controle Social (OCS), bem como conseguir vender seus produtos, inclusive aos programas governamentais de aquisição de alimentos, com certificação orgânica.

Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio financeiro da parceria interministerial MCTI/MAPA/SEAD/MEC/CNPq concedido pelo CNPq através do Processo 402737/2017-2, Edital Chamada Nº 21/2016 - Linha 1: Criação de Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA) e; Processo: 420151/2013-3, Edital Chamada - Linha B: Apoio à formação e institucionalização de novas incubadoras tecnológicas de economia solidária. Também, à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo apoio financeiro através do Edital: PROECE PAEXT/2018.

Referências bibliográficas

ADDOR, F., Apresentação In. ADDOR, F.; HENRIQUES, F. C. (Org). **Tecnologia, participação e território**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. p. 7-13.

CAMPOLIN, A. I.; FEIDEN, A. Metodologias Participativas em Agroecologia. In. _____. **Dados eletrônicos**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2011. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/920359/1/DOC115lancado.pdf>>. Acesso em 10 out 2018.

GAIGER, L. I. As emancipações no presente e no futuro. In. _____.(Org.) **Sentidos e Experiências de economia solidária no Brasil**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2004, p. 304-402.

GOHN, M. G. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1, 2006, **Anais...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em:



<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 15 jun 2018.

LIBÂNEO, J. C. (org.). **Pedagogia e Pedagogos**: caminhos e perspectivas. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MIRANDA, F. P. F. **O enfrentamento à violência sexual na escola: seus sentidos e significados para os educadores**. 2011, 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Campus do Pantanal, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Corumbá, 2011.

NASCIMENTO, S.; REIS, F. D. C. Educação não formal: o papel da fase para o desenvolvimento dos jovens agricultores no Município de Mutuípe-Ba. 2013. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – EDUCAÇÃO – SIRSSSE, 2; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSONALIZAÇÃO DOCENTE – SIPD/CÂTEDRA UNESCO, 4. 2013. **Anais...** Formação docente e sustentabilidade: um olhar transdisciplinar. Curitiba, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9676_5926.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SOUZA, Maria Antônia de. Processos educativos e organização de formas cooperativas de produção em assentamentos rurais do MST. **Educação temática digital**. Campinas, v.4, n.1, p.78-100, dez. 2002.

VERDÉRIO, Alex. Trabalho, Cooperação e Educação: a experiência do MST a partir da realidade do Assentamento Santa Maria. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 8. 2009. **Anais...** Campinas: FE/UNICAMP/HISTEDBR, 2009. Disponível em: <www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/.../_files/XiYOKwMh.doc>. Acesso em: 15 set 2018.